

GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Dezenove n.º 36

ESPINHO

Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR
24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO

Editor: —Jeronimo Alves Moreira

A ORDEM

Emquanto os individuos e as sociedades não tiverem atingido um certo grau de cultura e de educação aperfeiçoada, de modo que um cidadão e o agrupamento de cidadãos se mantenham dentro duma disciplina convencionada, esculpando em produzir o menos dano aos seus semelhantes,—emquanto este desiderato de progresso não fôr conseguido, evidente se torna que seja preciso estabelecer a norma social, embora artificialmente e até por um constrangimento de adaptação, sob pena de revertermos a um estado selvagem, de lucta feroz fraticida, aniquiladora.

A Republica, como sistema de governo, não póde preconisar a desordem social, a anarquia, porque isso equivalera ao mesmo que negar em absoluto os principios bazilares em que se fundamenta. A Republica, para garantir a liberdade, tem de a regulamentar e ordenar, pois que a liberdade, em boa democracia, termina, quando se constitue em privilegio ou significa o menor atentado ás regalias legitimadas de outrem. A Republica respeita a *egualdade* e arvora-a em dogma do seu evangelho. Todos os cidadãos são eguaes perante a lei. Ora, é evidente, não se póde admitir, sem grave e flagrante lesão deste principio, que possam um ou poucos impôr-se á vontade de muitos, levar-lhe os interesses ou menosprezar-lhe as justas prerogativas de imuniidade e bem estar. A egualdade demanda o respeito a regras estabelecidas e fixadas como lei. N'isto vae a *ordem* na sociedade. A fraternidade, culto de amor e de abnegação, é, por sua natureza, um preceito conservador. Provocar a desordem, promover a violencia, exercer o atentado pessoal é a negação pura do sentimento de fraternidade.

A liberdade e a ordem tem de ser as duas faces da mesma medalha, segundo uma frase feliz algures proferida. Da mesma maneira *egualdade e fraternidade*, sem ordem, são ideias perfeitamente absurdas.

Em mais de um artigo de modesta propaganda,

temos vindo com insistencia, quasi impertinente, reclamando como necessidade impreterivel, o estabelecimento da disciplina ou, equivalentemente, o imperio da ordem social. E' pela educação civica que se tem de chegar á compreensão nitida das boas doutrinas.

Se estamos em regime consolidado, de democracia dentro da normalidade constitucional, esforçemo-nos nós, os republicanos—os que opostalisam a sã democracia—para que, sem quebra de dignidade nem subserviencias vexatorias, se faça rigorosa a disciplina da sociedade portugueza. Nisto vae o nosso empenho, como demonstração de força. Dentro da ordem velêmos pelo cumprimento da lei E teremos em breve adquirido a força moral para que a lei seja estritamente cumprida.

Ha todavia uma pécha de mando—designada autoritarismo—que deve todavia ser banida dos habitos da Republica.

Repudiamos todo o genero de despotismo. Ele é tanto mais odioso quanto mais de alto se exerce.

Mas o povo educado, cumpridor dos seus deveres e consciente dos seus direitos, tem, na Republica, a garantia de que suavemente tudo se ordena, tudo se consegue, sob a direcção da vontade livre desse povo soberano. O povo, conquistando a sua autonomia de ação politica ditará a lei e regulará a engrenagem complexa da publica administração. Elegerá, como lhe aprofér, os seus representantes e os administradores.

O povo liberto da influencia clerical adquirirá a libertação do pensamento é da consciencia. Demolirá o clericalismo e arrasará fundamentalmente os caticatos.

E este povo, se tiver a devoção de impelir com alma, com verdadeiro sentimento de solidariedade e ordem o maquinismo governativo, ficará maravilhado da prodigiosa força de energia productiva da extraordinaria harmonia do esforço colectivo. E' urgente assimilar esta moção de ordem e progresso.

COMENTARIOS

Um rei destronado em Paris

Conta «Le Peuple» jornal belga o seguinte episodio succedido com o ex-rei de Portugal D. Manoel de Bragança:

Sua Magestade o ex-rei Manoel de Portugal foi conduzido á esquadra pela policia de Paris.

Esta notou as maneiras bizarras dum joven basbaque exibindo a vistosa roseta de Legião de honra, e disse lá com os seus botões que era impossivel que um pateta d'aquella idade tivesse merecido tão alta distincção.

Convidaram pois o Manuel a acompanhá-los até á esquadra mais proxima, ao que o destronado soberano acedeu, muito contente da sua vida. Uma vez na esquadra tudo se explicou, muitas desculpas, e o conhecido admirador da Gaby lá cpmtinuou a sua passeata, tendo mais esta para contar aos netos, se houver de tê-los.

Dizia o pae deste reininho que não havia vida melhor que a dum rei destronado em Paris. Ao que parece, todavia, o officio tem de quando em vez, certos dissabores.

Reclamo... de ponta e sóla

Enviem-nos sob este titulo, o seguinte *suelto* que textualmente reproduzimos, á guiza de reclamo como a epigrafe indica:

Mestre Fragoço bóta carta reclamando as prendas da familia não se lembrando sequer de que «elogio em boca propria...»

Como dá vontade de chorar a incultura da nossa terra!

Que ao menos passe á posteridade, talvez mais culta e mais inteligente: a fama de uma tão incompreendida estetica e que entre os contemporaneos vá ficando a memoria de quanto podem a insidia que não causa e o odio que não desarma.

Jesuitas ás avessas. Mestre Fragoço conhece bem os processos e as naifadas que ferem sempre o pão ganho limpamente, sem habilidades e sem torpezas.

Afinal a nuviosa de tantos *pedagogos*, viboras com patas de burro, só poderia gerar isto: veneno e coices.

A epistolografia de Mestre Fragoço!

Cartas politicas, cartas pedagogicas e *cartas amorosas* ainda inéditas), mãos amigas as recolherão em volume, especie de «Lisboa em Camisa» e então a facecia burgueza rebentará muito cóis de calça a rir de tanto impudor e de tanto grotesco.

Palma Cavalão *doublé*... de D. Juan!

Sempre tem cada imbelicidade a nossa sociedade de tons amareirados e soezmente prosaica na sua fidalguia á sobre possel...

Modos de vêr.

Certo padre comentava no Porto, com facadinhas a Republica, o *disparate* de se mudarem os nomes ás ruas. Não queria o padre que acabasse a rua de Santo Antonio, o Santo popular.

E o padre tambem, quiçá curtia saudades pela vida da Néta.

A sanha da critica jesuitica não escaparam as ruas de Espinho, numeradas á americana.

O tal reverendo não se conforma com a inovação nem a mão de Deus padre.

Pois que tenha paciencial!

Reparos

Colegas da imprensa, certamente mal informados, interpretaram pouco favoravelmente para a auctoridade de Espinho, a intervenção *forçada* que ela teve de adotar contra alguns representantes do *Comité de Defesa* da Serra do Pilar, quando estes ahi se manifestaram no penultimo domingo.

Chama-se *arbitrariedade* o acto do administrador, bem que de nada mais fizesse do que, no cumprimento do seu dever, assegurar a ordem e a tranquillidade publica.

Diz-se tambem que os cidadãos da *defesa* vinham de Paramos, onde foram em propaganda.

Será a tal *propaganda pelo facto*... outra não consta ter-se feito em Paramos.

Seja-nos licito o reparo, para evitar erros de historia.

5 de Outubro

O aniversario da proclamação da Republica

FESTAS EM ESPINHO

Está organizada uma comissão em que se fazem representar a Camara Municipal, a Junta de Paroquia, centro democratico, sociedades sportivas e de recreio, a fim de se promover em Espinho uma condigna celebração da gloriosa data nacional.

Embora não esteja ainda definitivamente instituido o programa dos festejos e das manifestações de regozizo publico, sabemos que se projectam a iluminação das ruas principaes, musica e fogo de artifício.

Ao mesmo tempo a Comissão de festejos derije um apelo a todos os habitantes de Espinho para que iluminem a fachada de seus predios. E' de esperar que todos correspondam bizarramente a este convite.

A aviação e a guerra

No *Matin*, de 23 do corrente publica Maurice Prax o seguinte judicioso artigo:

O sr. Bernoert, pacifista, aca-

ba de praticar, no congresso da paz de Genebra, uma proeza heroica e belicosa: suprimiu os aeroplanos... Não esteve com meias medidas. Tossiu tres vezes e exclamou:

—A guerra aerea é contraria a todos os principios pacifistas. Os aeroplanos, no decurso de uma batalha, iriam lançar bombas sobre os exercicios inimigos, facto que se pode tolerar... E' preciso não causar ao inimigo desgostos, mesmo ligeiros...

—Bravo! bravo! exclamou o auditorio.

E foi imediatamente votada uma moção tendente a proibir, em tempo de guerra, os dirigiveis e os aeroplanos. Por enquanto, só em caso de guerra é que o sr. Bernoert pretende aniquilar a aviação. O mobil a que obedece o distinto pacifista é, por certo, dos mais nobres: não admite que dois povos que se batem causem dano um ao outro. Concorda em que as espingardas enviem «ameixas» mas quer que estas sejam de Agen e tenham sido antes despojadas dos respectivos, caroços, pois não ha nada peor do que os caroços, de que pode resultar alguma alpendicite. Tolera os abuzos, com a condição de que só atirem bombas do pasteleiro ali da esquina.

E os canhões transformar-se em vaporizadores ou em distribuidores automaticos que lançassem sobre as hostes inimigas brochuras pacifistas e folhetos de biblioteca cor de rosa, postos em verso pelo sr. Maurice Rostand; em resumo, armas que, em vez de aniquilar um exercito, o adormecessem... Tudo isso é muito bonito.

Não se póde negar, na verdade que, até hoje, as batalhas têm dado logar, segundo se diz, a incidentes lamentaveis. Tem havido feridos, e até mortos. E' tempo de pôr termo a tais erros.

O sr. Bernoert engana-se, porém, redondamente, se julga servir a causa da paz proibindo os aeroplanos em tempo de guerra.

Decerto não leu o relato das ultimas grandes manobras inglezas. Havia um partido vermelho que, graças aos seus aviadores, sabia tudo o que se tramava no partido vermelho. Por isso o partido vermelho não ousou mover-se com receio, de ser logo denunciado pelos aviadores azues. E o partido azul, com mêlo de ser denunciado pelos aviadores vermelhos, tambem se não atreveu a mover-se. Ao cabo de oito dias, os dois partidos declararam-se cansados da sua imobilidade e pediram para abandonar a luta, por não poderem combater, «visto estar tão minuciosamente informado cada um a respeito do outro! Veja, caro sr. Bernoert, que beneficios proviriam dos aeroplanos em tempo de guerra!

A nossa carteira

Com sua ex.^{ma} familia regressou da sua casa do castello da Feira, onde veraneava, a esta praia, o nosso presado amigo sr. Alexandre Brandão.

—Encontra-se entre nós o nosso distinto amigo e dedicado correligionario sr. dr. José Bessa de Carvalho.

—Com sua ex.^{ma} esposa e filhos, regressou da Serra da Estrella a

Espinho, onde se encontra, o nosso dilecto amigo sr. dr. Elísio de Castro. A esposa do nosso amigo tem encontrado sensíveis melhoras nos incomodos que de enfermou naquela estancia.

—Visitou-nos o nosso particular amigo sr. dr. Eduardo Pinho de Almeida:

—A descansar e em tratamento da sua saúde, seguiu para Entre-rios o nosso amigo sr. Antonio Montenegro dos Santos, digno administrador deste concelho.

Razões d'um CAMPONEZ

Dialogos simples para aldeãos

—Estou admirado, Joaquim, de tu dizeres que o Estado, a nação, o governo, somos nós todos.

—Pois quem pensavas tu, meu amigo Antonio, que era?

—Eu para te falar com franquesa, pensava que isso era lá de Lisboa.

—Pensavas e é, a nação e o Estado é tudo uma e mesma coisa; e está em Lisboa, no Porto, em Braga, aqui na nossa aldeia e em todo o Portugal, que é a nossa Patria, a terra onde nós nascemos, e onde, portanto, nos governamos uns aos outros.

—Nós não governamos, quem governa é o governo, Joaquim!...

—Mas eu já te disse que esse governo só governa enquanto nós entendermos. Quando nós, e quando digo nós digo o povo em geral, entendermos que somos mal governados, isto é, que os homens em quem nós delegamos o poder, começam a esbanjar o nosso dinheiro e não dirigem a contento da maioria do povo as nossas relações com o estrangeiro, que abusam da força que nós lhe confiamos e roubam o nosso suor transformado nos tributos que pagamos, atiramos com eles para o meio da rua e nomeamos outros.

—Queres então tu dizer, Joaquim, que a lei da Separação, do Registo Civil e do Divorcio foram feitas com o agrado da maioria do Povo!

—Naturalmente, meu amigo. Se a grande maioria do povo não concordasse com essas leis, elas caíam a terra e ninguem as cumpriria.

—Mas eu não concordei e a maioria do povo aqui desta freguezia e das outras também não concordam, por isso estás enganado quando dizes que foram feitas por vontade da maioria do povo...

—E que fizeste tu, e que fez essa maioria para demonstrar que não querias essas leis? Protestaste? Não. Aceitaste e trataste de as cumprir, eu e todos. Porque no fundo, quero eu dizer, lá dentro, na tua consciencia, tu entendes que elas são justas e boas. E mesmo, deixa-me também dizer-te com franqueza, este nosso povo das aldeias não é o tal povo que eu te disse que governava; este povo ainda, para nossa infelicidade, é muito ignorante e inconsciente, porque não sabe ler nem conhece o mundo. Que te importavas tu, meu bom Antonio, no tempo da monarchia, com as leis? Agora é que tu começas a interessar-te pelo que o governo faz. E sabes porque?

—Dize lá, Joaquim!

—Porque a Republica faz leis que interessam ao povo sem lhe irem ao bolso, coisa que se não dava no regimen dos ladrões, que quando fazia leis para o povo e em modo do povo sentir, era para lhe arrancar a carne de cima dos ossos.

—Dizes, então, Joaquim, que o Estado que tirou os passais e todos os rendimentos que os padres tinham somos nós?

—Tu tens cada uma, Antonio! Pois quem havia de ser o Estado? Os pinheiros da tua louça? Os carvalhos da tua deveza? O teu cão? O meu gato? Não! Nós, ho-

mem, nós é que tomamos conta do que era nosso. Aquelas bouças, aqueles campos que constituíam o passal que até agora rendiam para o padre, ren-dem agora para nós. Aquela casa onde o padre morava, agora também rende para nós.

—Para nós não, que eu não recebo de lá nem um vintem.

—Mau! Tu parece que te fazes desentendidol Tu não és nenhum tolo, e eu creio que me explico bem. Eu não te disse já que nós somos o Estado? Ora o Estado, que somos nós, tem de pagar dividas que a monarchia lhe legou. Tem de comprar armamento para os nossos soldados, para, quando um dia que seja necessario, termos com que nos defendermos, dos que falam uma lingua que nós não entendemos e aos quais a monarchia queria entregar o nosso Portugal, que é mais bonito do que as terras deles e dá muito vinho e muita coisa boa que eles não teem.

—Olha que eu não sei, Joaquim se não seria melhor isto ser governado pelos estrangeiros, talvez fossemos mais bem governados.

—Não digas isso, desgraçado! Bem se vê que estás envenenado por essa seita maldita dos jesuitas que não teem patria. Tu, meu amigo, ao dizeres o que disseste, cometeste um grande crime.

—Um crime? Eu tenho ouvido dizer isso a tanta gente...

—Gente? Quem o diz não é gente!... São bichos!... Tu sabes o que é viver debaixo do dominio estrangeiro, meu amigo? Pensas, por acaso, que serias mais feliz? Eras um escravo! Nós já pertencemos sessenta anos á Hespanha, e eu queria que tu soubesses o que passaram, o que sofreram os portugueses daquele tempo!... Tu pensas que depois, os teus filhos assentavam praça aqui na tua terra? Não, senhor, iam para o estrangeiro e tu nunca mais os verias. Tu pensas que depois haveria algum empregado publico português? Tu terias que pagar as tuas contribuições a homens que não entendias. Por isso, meu amigo, quando ouvires algum homem dizer que antes queria ser governado por estrangeiros, atira-lhe para a cabeça, porque é nosso inimigo!

—Bem, continúa lá, Joaquim? Que mais precisamos de comprar com as rendas dos passais?

—Não é só com as rendas dos passais, é com tudo, meu amigo, aquilo com que nós pudermos contribuir. Também precisamos de navios de guerra, precisamos de muitas escolas, de muitos hospitais, asilos para invalidos, casas para regenerar rapazes e raparigas, enfim muita coisa de que não me lembro agora nem também te sei explicar. E quanto mais renderem para o Estado os bens de que os padres e os frades se tinham apossado mais depressa teremos o que nos é preciso e assim todos ganhamos.

—Mas, então, Joaquim, quem fez a lei da Separação, não foi o tal Afonso Costa?

—Sim, foi esse grande estadista, que é a nossa gloria. Mas fomos também nós todos, porque todos nós, os que pensamos livremente e queremos a nossa Patria engrandecida, reclamavamos a expulsão do jesuita, queríamos libertar-nos da escravidão que o padre nos impunha. E foi o dr. Afonso Costa que satisfiz as nossas aspirações. Também nós somos Afonso Costa, porque velamos pelo cumprimento da sua grande e patriótica lei fazemos propaganda dela, e assim colaboramos na sua grande obra. A maioria da gente que sabe lêr gostou, e aplaudiu a lei, e a outra parte, que não aplaudiu, calou-se. E tu sabes, Antonio, que quem cala consente. E tu mesmo deves confessar que sentiste um bocadinho de praser quando viste os padres levar no nariz para traz!

—Olha, Joaquim, por um lado,

não foi mal feito, que eles estavam a trepar muito.

—Até amanhã, Antonio.

—Adeus, Joaquim.

João da Eira.

Trez sonetos

A ideia do teu corpo branco e amado,
Belleza escultural e triumphante,
Persegue-me, mulher a todo o instante,
Como o assassino o sangue derramado.

Quando teu corpo pallido e sagrado
Abandonas ao leito, palpitante,
Quem jamais contemplou em noite amante
Tentação mais cruel, tom mais nevado?

No entanto, —louco, excentrico desejo!
Quizera ás vezes que a dormir te vejo,
Tranquilla, inerte, branca, unida a mim.

Que o teu sangue corresse de repente,
Fascinação da cor! —e extranhamente
Te colorisse o pallido marfim.

Gomes Leal

Deus fez a noite com o teu olhar;
Deus fez as ondas com os teus cabellos
Com a tua coragem fez castellos,
Que pôz como defeza, á beira-mar.

Com um sorriso teu fez o luar
—Que é sorriso de noite ao viandante,
E eu, que andava pelo mundo, errante,
Ja não ando perdido em alto mar!

Do ceu de Portugal fez a tua alma!
E ao ver-te sempre assim, tão pura e calma,
Da minha noite eu fiz a Claridade!

O meu anjo de luz e de esperança,
Será em ti que, afinal, descança
O triste fim da minha Mocidade.

Antonio Nobre

Tua frieza augmenta o meu desejo;
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quando mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atraz de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Enquanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigidito cortejo.

Sei que jamais hei de possuir te, sei
Que outro, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no entanto não se cança:
Amam metade os que amam com esperança,
Amar sem esperança é o verdadeiro amor.

Eugenio de Castro

CASOS E NOTICIAS

O tempo e o mar. —O tempo voltou á invernia. O mar, no fim da semana esteve muito agitado e por isso estiveram paralisados os trabalhos de pesca.

Obras de defeza. —Havendo constado com certo fundamento que iam ser paralisadas as obras de defeza de Espinho por falta de recursos orçamentais, a Camara de Espinho representou pedindo ao governo a continuação dos trabalhos cujo resultado parece de efficacia segura para a despeza da praia e da povoação;

Crêmos que sr. Ministro do Fomento, a exemplo dos seus antecessores a quem Espinho merecia particular atenção, não deixará de providenciar, acedendo a uma solicitação que é de todo o ponto justa.

Espinho não pode continuar sempre a ser o ludibrio das aguas e da má politica dos governos.

As festas da Senhora d'Ajuda. —Decorreram, sem incidente de maior gravidade, as festas da Senhora d'Ajuda. A affluencia de forasteiros foi enorme.

Mercê dos bons serviços da policia preventiva, a cargo da judicaria do Porto, o numero de furtos foi relativamente insignificante.

De resto o arraial teve o aspecto caracteristico dos anos anteriores, com musica, iluminação e fogo... estrepitoso de mais.

Centro Magalhães Lima — de Silvalde — O Centro Republicano Democratico de Silvalde feste-

ja o segundo aniversario da proclamação da Republica; com embandeiramento, iluminação, salvas de morteiros e fogo de artificio. Far-se-á ouvir uma tuna composta de devotados republicanos locais e nesse dia será dada posse aos novos gerentes.

Agradecemos a gentileza do convite para esta celebração patriótica.

Greve terminada. —Terminou a greve dos operarios corticeiros de Lamas. Graças á intervenção da auctoridade administrativa e do sr. capitão-comandante da força ali destacada, chegaram a acôrdo operarios e patrões. Ainda bem.

Touros. — Deve realizar hoje na praça de Espinho uma corrida de sensação.

Os elementos, como se vê do respectivo cartaz — são de primeira ordem.

Agouramos aos aficionados uma tarde cheia.

Subscrição para os aeroplanos. — O espectáculo promovido pelo grupo Alegre Mocidade e cujo producto disponivel reverte a favor da subscrição para a compra dos aeroplanos, obteve um successo de bom acolhimento.

A interpretação e o desempenho das peças que fôrão á scena deixaram o publico bem impressionado.

Desordem. — Entre agentes da policia civil do Porto e alguns cocheiros deu se, no domingo ultimo á tarde, uma colisão de forças. O tumulto poderia tomar serias proporções, se não fôra — valha a verdade — a prudencia como a policia procedeu.

Os desordeiros presos foram ajustar contas com o poder judicial.

Camara Municipal. — Sessão de 25 do corrente. Presidencia do cidadão Alberto Milheiro; presentes os vareadores cidadãos Guetim, Marques dos Santos, Oliveira e Arelino Vaz.

Lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, é presente o seguinte expediente:

Officio do sr. Administrador do concelho (Montenegro dos Santos) convidando o sr. presidente da Camara a assumir as funções de aquelle cargo durante o tempo que o seu estado de saúde o impeça de o exercer. Inteirada.

Officio do Governador Civil d' Aveiro pedindo a accusação da recepção da Circular n.º 220 de 29 de Agosto ultimo sobre assuntos oenologicos. Inteirada.

Requerimento de Gomes & Filho, solicitando licença para descarregar madeiras dos vagons do Caminho de Ferro para o terreno em frente do seu estabelecimento industrial, sito á avenida 8. Ao vereador sr. Oliveira.

Idem de João Francisco da Silva Guetim, solicitando licença e cota de nivel para edificar um predio no terreno que possui, sito á Avenida 20 e rua 11, bem como para occupar 20 metros de terreno para deposito de materiaes. Ao vereador respectivo.

Participação contra Joaquim da Costa, da freguezia de Oleiros, por transgredir o Codgo de posturas Municipais em vigor.

Balancete da tesouraria referente á semana finda em 21 de Setembro.

Recetta

Saldo da semana anterior 958\$086

Despezas

Pago por diversos mandados 245\$926

Transferido para a Caixa G. Deposito 216\$153

Saldo para a semana seguinte 496\$004

Fundo de Viação na Caixa Geral de Deposito 958\$086

466\$266

O sr. presidente comunica á

Camara que, como fora imcomum, reuniu as direcções das diversas colectividades d'Espinho, com fim de se procurar a maneira de se promoverem festejos condignos por occasião do aniversario da Republica, e que encontrou da parte de todos a melhor vontade em trabalhar para esse fim.

Um delegado de cada agremiação constituirá a comissão das festas encetando ainda na semana corrente os trabalhos preparatorios para os referidos festejos.

Foram tomadas outras pequenas deliberações, autorizadas varias ordens de pagamento e em seguida encerrada a sessão.

Os cardeais e os padres pensionistas

Relata um telegrama de Roma que varios cardeais da curia se queixaram de que os seus actuals honorarios de 25\$000 liras anuais não lhes chegam para viver, e o papa logo procurou atendê los ordenando á administração financeira do Vaticano que estudasse o meio d'esses honorarios poderem ser elevados a 40\$000 liras. E' para sensibilizar a solicitude que Pio X demonstra em quasi duplicar os honorarios dos cardeais, que neste momento, ao cambio normal da lira, equivalem a 4.500\$000 reis, e que, se forem aumentados para a quantia que o papa deseja, ficarão sendo de 7.200\$000 réis. Simplemente admira que o santo padre, tendo tanto dó das condições desgraçadas em que vivem os cardeais, com mil libras por ano, não se tenha apiedado da situação dos padres portugueses, a quem ordena, mais ou menos expressamente, que não recebam a pensão do Estado, mas a quem não destina um ceutil do seu riquissimo erario. Que os cardeais não possam viver com menos de 40\$000 liras e que os padres portugueses possam viver sem nada, é conclusão a que um cerebro humano, mesmo sendo de um papa, desde o momento em que se mantenha são, não pode chegar por mais esforços que seja.

E que dizer do sentimento deste vigario de Cristo? Para elle os cardeais não podem viver com os honorarios já elevados que percebem e os padres portugueses ou hão-de morrer á mingua ou hão de incorrer nas excomunhões da sua colera! Não consta todavia que o Cristo de que todos se intitulam representantes precisasse para viver de 40.000 lras por ano. Nunca possuiu soma que a esta equivallesse, e se a possuísse tê-la-hia restituído a Cesar, ou empregado a hia em suavizar as misérias dos pobres e dos oprimidos. O *Flos Sanctorum* que é o livro de ouro da Igreja, está cheio de renuncias, e como concilia Pio X o culto que manda prestar aos santos que se santificaram por meio de tal isenção com os honorarios de seus cardeais, sem falar na incalculavel riqueza de que elle proprio é senhor? Mas se é ilogico que papas e cardeais pretendam recursos que lhes permitam pompas que o criador da sua religião desprezou, mais ilogico é ainda que se acrescente o fausto dos cardeais sem se dar um bocadinho de pão a alguns simples padres, ou o que é mais ainda, arrancando-lho da boca, porque lho ofereceu quem tem maior noção da piedade e da justiça do que o pontifice catolico.

Mayer Garção

FRANCISCO FERRER

La Escuela Moderna

Obra indispensable aos estudiosos

Preço 400 rs.

Os pedidos podem ser feitos a Biblioteca Arquivo Social — rua dos Prazeres 39 — Lisboa.

COLABORAÇÃO ALHEIA

Novela d'amor

O SEGREDO DE NARCIZO

QUE HEIDE EU FAZER?

Nem só as palavras convencem as pessoas. Um olhar, um gesto, uma carta escrita com sentimento, também faz acordar no peito da mulher o mais nobre e belo dos sentimentos—o amor—. Assim Lucinda, principiou a amar verdadeiramente Narcizo, quando acabou de ler a carta que este lhe mandara e que era do teor seguinte:

«Lucinda, Geme o coração magoado e triste, queixa-se o peito chagado com amargor, choram os olhos cansados um filete de agua cristalina e choro eu também todos os meus sonhos, sonhos, onde voga a minh'alma de estudante. Sim, ter afeição, e não poder esta afeição este amor dar mais um passo avante, para ligar bem apertados os peitos que parecem comprehenderem-se... Mas devo eu ocultar-me a esse esplendor, a esse brilho magnetico dos teus olhos? Ah! perdôa, Lucinda, se acaso o choque é violento e te faz ruborizar as faces; mas, minh'alma soha, é esses sonhos tão cheios de futuro, quero transforma-los na realidade. Amo-te muito e só um amor de Mãe ou de irmão dá coragem para acometer uma grande ousadia. Assim eu, Lucinda, sou ousado; porem, se pedir um favor é crime, que o teu perdão de mulher me proteija e absolva. Ah! eu não creio que haja castigo para uma falta que se transforma em bem; e por isso mesmo, é que eu, com os meus olhos fitos nos teus, venho rogar-te o teu amor, se porventura o teu coração ainda não está comprometido. Sim? Não? oxalá que a tua benevolencia de mulher, e quem sabe se mais tarde de esposa, me oculte sob a tunica leve da misericordia e compaixão.

Narcizo»

Lucinda em presença desta carta queria levantar-se ao cima das impurezas deste mundo. Mas a sua consciencia bradava-lhe a todo o instante que não matasse para que a sua traição não fosse lavada com o seu sangue. Ella amava e odiava Narcizo.

Amava-o porque n'elle via a sua perdição. Narcizo jura-lhe amor eterno; mas com que fim, se o seu coração, por enquanto pertence a Berta? Lucinda entregando-se a profundas meditações não achava solução para tão complicado problema. Responder-lhe negativamente, seria talvez matar-lhe todas as crenças obrigando-o a amaldiçoar o passado, a chorar o presente e a vacilar perante o futuro.

Responder-lhe afirmativamente, seria cravar um punhal em pleno peito de Berta. Lucinda blasfemava e sentando-se numa cadeira com as mãos fncadas nos joelhos e a fronte encostada ás mãos só dizia:

—Que heide eu fazer! Que heide eu fazer!

Cala te, coração. Silencio!

VIII

Quem batalha com donodo e bravura; a vitoria pertence-lhe. Desanimar é perder; esperar, confiar, é vencer. Lucinda encheu-se de coragem, e após um pensar profundo encontrou um meio de desempenhar o seu papel. Julgava-se feliz embora sentisse a dôr a atacefar-lhe a voz no peito. Estando na sala de costura a bordar uns lenços que Manuela lhe dera, appareceu-lhe Berta com um pequeno embrulho na

mão. Lucinda levantando-se beijava-a e abraça-a com ternura.

Berta julgou que aquele beijo e abraço eram a affirmacão do esquecimento de Narcizo. Sentadas, Berta cheia de curiosidade, pergunta:

—Não voltaste a falar com Narcizo?

—Infelizmente não.

—Infelizmente?!

—Sim, infelizmente, porque eu queria perguntar-lhe, se elle sabe o que é o amor. E se elle souber, crê, jamais terminará namoro contigo.

Berta tentando defender Narcizo respondeu-lhe:

—Mas tu sabes como é o coração dos homens?

—Sei perfeitamente. E' um coração esfomeado que não se contenta com uma preza. Cousa alguma o satisfaz.

—Eganas-te, Lucinda. O coração do homem é pena leve que anda a boiar ao cima deste mar revolto da vida.

—E queres tu dizer?...

—Que essa pena se vae desgastando de encontro aos rochedos.

Lucinda sorriu-se maliciosamente, respondendo-lhe.

—Nesse caso o coração de Narcizo andando de encontro ao teu coração, foi-se gastando, de maneira que hoje tem necessidade de acordar para uma nova vida, nascendo-lhe um novo coração. A culpada és tu e não elle.

—Mas quando a mulher faz do seu peito um porto d'abrigo, o coração do homem vae abicar a esse porto.

—Se assim é e fizeste, então para que me disseste que eu não te roubasse o teu Narcizo?

—Talvez alguma tempestade que houve dentro do meu peito o obrigou a fugir para ir abicar a outro porto. Hoje, cá dentro, tudo é sereno e socgado e eu quero que o coração de Narcizo, em forma de galera, venha ancorar de novo no meu peito

—Nesse caso crê, espera e confia.

—Mas tu juras-me que não o amas?

—Amo-o, sim, porém jamais lhe declararei o meu amor.

Berta levantando-se depõe na frente de Lucinda um beijo silencioso, dizendo:

—Obrigada! obrigada!

E tirando do seio o pequeno embrulho que trazia, mostra-lhe o retrato de Narcizo. Lucinda fitou-o com a tranquila coragem e disse a Berta:

—Permite que eu ceponha um beijo cheio de odio, cheio de veneno no retrato do infame.

—Berta negou, mas Lucinda não a atendendo, deu-lhe um beijo; não um beijo cheio de odio e veneno como acabava de dizer, mas cheio de amor e esperanza.

—Que fizeste Lucinda? perguntou Berta.

—Beije o homem que mais odeio no mundo.

—Jurás?

Lucinda olhando-a dos pés á cabeça, e batendo com a mão direita sobre o peito, respondeu:

—Cala-te, coração meu, silencio!

Espinho

José Soeiro.

(continua)

Junta de Paroquia

de Espinho

ARREMATACÃO

A comissão paroquial da freguezia de Espinho devidamente autorisada, faz publico que no dia 23 do corrente mez, pelas 14 horas, se procederá, na sala das suas sessões, á arremataçãõ de toda a obra de carpinteiro para o edificio escolar Conde de Ferreira.

A planta e caderno de encargos acha-se patente todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas na secretaria da referida Junta.

Espinho, 2 de Setembro de 1912.

O Presidente,

Manoel Casal Ribeiro

Edital

Alberto Augusto Dias Milheiro, Vice-presidente da Camara Municipal do Concelho de Espinho.

Faço saber que a Camara Municipal d'este concelho recebe propostas em carta fechada, até ás 16 horas do dia 19 do proximo mez de Outubro, para a adjudicacão da empreitada das obras de pedreiro para construcão do novo mercado municipal de Espinho.

As condições para a sobredita empreitada estarão patentes na secretaria d'esta Camara todos os dias a contar da data do presente edital, até ao dia acima annunciado, onde poderão ser examinadas por quem n'isso se interessar.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este, que affixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Espinho, 28 de setembro de 1912.

E eu José João Ferreira, secretario o fiz escrever e subscrevi.

O Presidente,

Alberto Augusto Dias Milheiro

Colegio de Espinho

Sexo masculino

Este colégio, apezar de nascente, reúne todas as condições higiénicas e pedagogicas.

As aulas de instrucão primária abrem no dia 10 de outubro. Alem dos cursos de instrucão primária regidos pelo proprio director, auxiliado por professores competentes, há explicações de instrucão secundaria até ao 3.º ano dos liceus, escrituraçãõ commercial e linguas. O metodo adoptado na instrucão primária rudimentar será o de João de Deus. Por este método promete-se ensinar a ler, escrever e contar dentro num curto prazo de tempo.

Acha-se desde já aberta a matricula na sede provisoria do colégio —rua 29—n.º 96, onde se prestam todos os esclarecimentos.

A direcção

EDITAL

Contribuição de renda de casa e sumptuaria

A Junta de Matrizes do Concelho de Espinho

Faz publico, em observancia do disposto no artigo 35.º do Regulamento de 2 de novembro de 1899, que a matriz das contribuições de renda de casas e sumptuaria do corrente anno se achará patente na repartição de finanças d'este concelho, desde o dia um até ao dia dez d'outubro proximo das 9 horas da manhã ás 3 da tarde, a fim de poder ser examinada pelos interessados, os quaes poderão reclamar pelos fundamentos seguintes:

- 1.º—Erro na designação das pessoas e moradas;
- 2.º—Erro na designação da ordem da terra;
- 3.º—Injusta designação do va-

AGENCIA DAS COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO

Praia de Espinho

Avenida 8 n.º 50 (em frente à estação do Caminho de ferro)

GERENTE

Fernando Ramos Pereira



N'esta agencia vendem-se passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Pará, Manaus e mais portos do Brazil, Argentina, Pacifico, America do Norte e Africa, por preços minimos, em todas as classes e paquetes de todas as companhias de navegacão.

PASSAGENS DESDE 21\$500 REIS

Solicitam-se passaportes e todos es documentos necessario m qualquer parte do paiz.

Abonam-se passagens a quem deseje embarcandando fia dor ou garantia.

Seriedade e rapidez

lor locativa das casas de habitacão por não estar conforme com o rendimento collectavel inscrito na respectiva matriz predial urbana;

4.º—Injusta designação do objecto ou objectos sobre que recae a contribuição sumptuaria;

5.º—Cessação do arrendamento das casas de habitacão sujeitas á contribuição de rendas de casas no todo ou em parte, em um, dois, ou tres trimestres do anno;

6.º—Erro no calculo das collectas das contribuições de renda de casas e nos respectivos addictonaes;

7.º—Indevida inclusão ou exclusão das pessoas.

Estas reclamações deverão ser escriptas em papel sellado de 100 réis e entregues ao presidente da junta ou ao secretario de finanças dentro do alludido prazo; e da sua decisãõ cabe recurso para o Juiz de Direito da comarca, dentro do prazo de 5 dias contados da data em que findar o prazo estabelecido para a a decisãõ das reclamações.

E para conhecimento de todos se passou o presente, e outros de igual teor que vão ser affixados nos logares mais publicos e do costume,

Repartição de Finanças do concelho de Espinho, 23 de Setembro de 1912.

O vogal mais velho, servindo

de Presidente,

José Domingues Alves Marinheiro

TERRENO

Vende-se um com 4:000 metros quadrados com frente para rua da Divisãõ entre Espinho e Anta.

Fala-se na Cervejaria Ferreirinha.

Serviço da Republica

TAXA MILITAR

EDITAL

A Comissão do Lançamento da taxa militar

Faz publico que, nos termos do artigo 223 do Decreto de 13 d'agosto de 1911, se acha devidamente constituida e instalada para o lançamento da taxa militar, creada por decreto de 23 d'agosto de 1911, e convida os individuos e seus ascendentes responsaveis, que se achem obrigados ao pagamento da referida taxa, a apresentar na repartição

de finanças deste concelho, as declarações que tiverem por convenientes sobre o seu rendimento para os efeitos da parte variavel da mesma taxa, assistindo-lhes também o direito de as fazer verbalmente perante esta commissão.

São obrigados ao pagamento da taxa militar:

1.º—Os individuos isentos de todo o serviço militar por incapacidade fisica ou mental, salvo sendo absolutamente inaptos para o trabalho e indigentes;

2.º—Os isentos por terem menos de 1,54 d'altura.

3.º—Os dispensados do serviço nas tropas activas durante o tempo que n'elas permanecer o contingente a que eles deviam pertencer.

4.º—Os adiados durante o periodo do adiamento.

5.º—Os que receberem baixa dor incapacidade que não tenha sido causada por motivo de serviço, se não ficarem absolutamente inaptos para o trabalho;

6.º—Os que por qualquer outro motivo deixem de prestar serviço militar que lhes pertença nos termos da lei do recrutamento.

Os ascendentes responsaveis são obrigados sómente ao pagamento pe 1/3 da segunda parcela da variavel da taxa militar sendo n o numero de filhos menores de dezoito anos e de filhas solteiras competindo-lhes também o pagamento da parte fixa quando o recenseado o não fizer.

A taxa militar é elevada ao dobro para os mancebos considerados refractarios e para os compelidos ao serviço militar conservando-se normal para os seus ascendentes responsaveis.

E para constar-se passou o presente e outros d'igual teor que vão ser affixados nos logares mais publicos.

Repartição de finanças do concelho de Espinho, 17 de Setembro de 1912.

O secretario da commissão,

Antonio de Castro Corte-Rial



